

O sujeito e a definição dos tipos aspectuais

António Leal

CLUP¹

0. Introdução

Na bibliografia sobre a tipologia aspectual das eventualidades, poucas vezes se tem dado importância ao papel do nominal com a função sintáctica de sujeito na determinação do tipo aspectual final das predicções. De facto, na maior parte dos casos, essa determinação depende do tipo sintáctico/semântico do verbo envolvido, do tempo gramatical em que este ocorre, do tipo de nominal com a relação gramatical de objecto directo e dos adjuntos de tipo adverbial, principalmente aqueles com uma função semântica de tipo temporal. Contudo, há um número reduzido de casos em que o nominal com a função de sujeito aparentemente influencia o carácter aspectual final da predicção envolvida. Analisaremos alguns deles, cingindo-nos àqueles que são, supostamente, motivados por diferentes subclasses de nomes e pela função semântica desempenhada pelo sujeito, e defenderemos que a determinação do tipo aspectual por parte do sujeito parece estar restrita, de um modo geral, aos verbos inacusativos. Os exemplos contemplarão verbos inacusativos de movimento. Veremos ainda que há casos em que entradas lexicais distintas aparentam uma possível interferência do sujeito no estatuto aspectual final da predicção.

1. A importância do sujeito na definição do tipo aspectual de predicção: o caso do Espanhol

De Miguel (1999) refere que “la especificación aspectual de ciertos predicados va a variar dependiendo de si su sujeto es continuo o discontinuo, colectivo o individual, agentivo o no agentivo” (de Miguel, 1999:3003) e apresenta os seguintes exemplos, para ilustrar esta afirmação (de Miguel, 1999:3004).

- (1) El batallón entró en la ciudad {durante horas/ en una hora}.
- (2) La mosca entró en la habitación {* durante horas/ en un momento}.

Em (1), a frase é gramatical tanto com o adverbial ‘durante x tempo’ como com ‘em x tempo’, embora com leituras diferentes. Em (2), o adverbial ‘durante x tempo’ é

¹ Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003.

agramatical. Isso acontece, segundo de Miguel, devido ao facto de os nominais com a relação de sujeito serem colectivos ou individuais. Em (1), estamos na presença de um nome, 'batallón', que é contável e colectivo. Pelo facto de ser contável, permite a ocorrência do adverbial 'em x tempo', dado que o evento é delimitado. Pelo facto de ser colectivo, permite a ocorrência do adverbial 'durante x tempo'. Segundo a autora, há uma "realização de múltiplos eventos", um por cada referente abrangido pelo nome colectivo, ou seja, por cada uma das entidades individuais que constituem a denotação de 'batallón' (os soldados). É essa repetição que é tida como não acabada e que permite a compatibilidade com o adverbial de mera medição, ao contrário de (2). Em (2), dado que o nominal sujeito é contável e está no singular, mas não é colectivo, só se pode aceder à primeira leitura.

Vejamos outros exemplos.

- (3) El viento golpeó mi rostro {durante mucho rato/ * en diez minutos}.
- (4) El proyectil golpeó la pared {en un segundo/ * durante un rato}.
- (5) Una ráfaga de viento golpeó mi rostro {en aquel instante/ # durante mucho rato}.

A autora explica as diferenças nestes exemplos com o facto de os nomes não contáveis (como 'viento') não serem capazes de delimitar os eventos, ao contrário dos nomes contáveis (como 'proyectil', 'ráfaga'), que os podem delimitar.

A determinação do tipo aspectual das eventualidades pode também ser afectada, segundo a autora, em certos casos, pela função semântica do sujeito. Vejamos os exemplos (de Miguel, 1999:3005).

- (6) La ministra limitó el poder de las asociaciones de padres {en un año/ durante un año}.
- (7) La valla limitó el prado {* en un año/ durante muchos años}.

Segundo de Miguel, o verbo 'limitar' pode dar origem a um estado ou a um evento. Em (6), temos ambas as possibilidades, daí a compatibilidade com ambos os tipos de adverbiais. Já em (7), só há a possibilidade da leitura de estado. A leitura de evento só está acessível, segundo a autora, quando o sujeito tem a função semântica de agente. Isso não pode acontecer em (7) pois o nominal com a relação de sujeito caracteriza-se por um traço [- animado], o que inviabiliza a atribuição da função de agente e, conseqüentemente, a leitura de evento da predicação. Só está disponível a leitura de estado e, por isso, apenas é compatível com o adverbial 'durante x tempo'.

Segundo de Miguel (1999), há outros factores a ter em conta no que diz respeito à articulação entre o tipo de sujeito e o tipo de eventualidade: a leitura específica ou genérica do sintagma nominal sujeito e a possibilidade de leituras distributiva e/ou colectiva. Contudo, estes factores não serão aqui analisados.

2. A importância do sujeito na definição do tipo aspectual de predicação: o caso do Português

Interessa-nos verificar se as observações feitas em de Miguel (1999) são aplicáveis também ao Português. Vejamos por isso alguns exemplos, começando pelo caso dos verbos inacusativos.

2.1. Verbos inacusativos

Consideremos (8) e (9).²

- (8) O vinho caiu da pipa {durante meia hora/ * em meia hora/ às 2 horas}.
 (9) O copo caiu da pipa { * durante um segundo/ em um segundo/ às 2 horas}.

Em (8), parece que o nome não contável 'vinho' torna o evento durativo e não delimitado, sendo incompatível com o adverbial 'em x tempo'. Pelo contrário, 'copo', um nome contável, delimita o evento em (9), daí a incompatibilidade com o adverbial 'durante x tempo'.³ Para além disso, dado que o evento em (8) é durativo, o adverbial pontual 'às 2 horas' marca o início desse evento ('o vinho começou a cair da pipa às 2 horas'). Pelo contrário, o evento em (9) é de tipo pontual, daí que o adverbial 'às 2 horas', sendo também pontual, estabeleça uma localização temporal exacta, no sentido em que há uma sobreposição entre estes dois elementos temporais (o intervalo de tempo associado ao adverbial e o evento).⁴

Consideremos agora (10) e (11).

² Na análise, utilizamos a classificação proposta em Moens e Steedman (1988).

³ Segundo um dos avaliadores, (8) e (9) não constituem um par mínimo, já que se faz variar não só o sujeito, mas também o adverbial temporal ('em/durante meia hora/ um segundo'). Esta variação foi feita de uma forma consciente, com o objectivo de criar contextos adequados que facilitem a identificação das interpretações que queremos salientar. Assim, 'o copo caiu da pipa durante um segundo' é um exemplo estranho, dado que se infere que o copo não chegou a atingir o chão. Já 'o copo caiu da pipa em um segundo', apesar de ser um exemplo pouco frequente, é perfeitamente aceitável e compatível com o nosso conhecimento do mundo. Segundo este conhecimento, se um objecto, como um copo, se encontra em cima de uma pipa (tipicamente colocada em suportes de altura reduzida) e cai ao chão, esta queda é tida como praticamente instantânea, ou seja, demora um intervalo de tempo muitíssimo pequeno. Isto justifica a opção por 'um segundo' e não por 'meia hora' no exemplo (9). No caso de (8), optou-se por um adverbial temporal que expressa um intervalo de tempo satisfatoriamente alargado, segundo o nosso conhecimento do mundo. Este intervalo alargado de tempo torna claro o facto que se pretende salientar em (8): o nome massivo 'vinho' torna o evento durativo e essa duração não tem a ver com a distância entre a abertura da pipa e o chão, mas sim com a quantidade de vinho que saiu por essa abertura. Podemos dizer, tal como foi sugerido por um avaliador, 'o vinho caiu da pipa num segundo'. Contudo, ao usarmos este adverbial temporal, estamos a ligar a medição temporal do evento à distância espacial entre a pipa e o chão, ou seja, a interpretação de (8) torna-se igual à de (9), o que não permite ver as diferenças motivadas pela utilização de um massivo ('vinho') ou de um contável ('copo') nas propriedades aspectuais das predicações.

⁴ Em (8), o adverbial 'às duas horas' pode também dar origem a uma interpretação pontual do evento, tal como foi observado por um avaliador: neste caso, o adverbial localiza um evento que consiste na queda de uma porção contextualmente determinada de vinho (por exemplo, devido ao rebentamento da pipa por excesso de pressão). Esse evento é visto como (quase) instantâneo. Saliente-se, contudo, que esta leitura pontual é apenas opcional no caso de (8), mas, em (9), é a leitura obrigatória: é este contraste que importa sublinhar, dado que mostra a influência dos nominais no estatuto final das predicações.

- (10) A frota entrou no porto {durante várias horas/ em 5 horas}.
- (11) O barco entrou no porto {* durante várias horas/ em 30 minutos}.

Em (10), o nome 'frota' é contável e colectivo. Sendo contável, permite a ocorrência do adverbial 'em x tempo', dado que o evento é delimitado; sendo colectivo, permite a ocorrência do adverbial 'durante x tempo'. Podemos considerar, numa primeira análise, e tal como de Miguel (1999), que há uma iteração de eventos 'entrar no porto', um por cada barco da frota, o que transforma o evento num processo, permitindo a compatibilidade com o adverbial 'durante x tempo', dado que o processo obtido por iteração é naturalmente não delimitado. Em (11), o nome individual no singular impede a leitura durativa não delimitada.

De que forma podemos explicar estas interferências do sujeito nas propriedades aspectuais das predicacões? Os verbos *cair* e *entrar* são inacusativos, mais concretamente verbos inacusativos de movimento (Duarte, 2003:520)⁵. Assim sendo, os argumentos que têm a relação gramatical de sujeito nos exemplos apresentados são, de facto, argumentos internos directos dos verbos. O seu comportamento peculiar poderá ser facilmente explicado se assumirmos que estes exemplos ilustram aquilo que em Krifka (1998) se designa por 'relações incrementais'. De facto, e segundo Engelberg (2002:383), os verbos inacusativos não colocam qualquer problema à composição aspectual, dado que estão sujeitos às mesmas condições que os verbos transitivos, com uma única diferença: é o SN sujeito superficial que realiza o tema aspectual.

Krifka (1998) parte do princípio de que as relações incrementais são estabelecidas entre um argumento evento e um participante particular nesse evento ("... the assumption that incremental relations hold between an event argument and a particular participant of the event." (Krifka, 1998:231). Os predicados, de evento ou de objecto, podem ser ou quantizados ou cumulativos. Um predicado de objecto é cumulativo se, para quaisquer dois objectos que satisfaçam esse predicado, a sua união também satisfaz esse predicado. Por seu lado, um predicado de evento é cumulativo se, para quaisquer duas porções temporais de um evento, a união dessas duas porções resulta num evento do mesmo tipo.

Um predicado de objecto tem referência quantizada, se para quaisquer duas entidades que satisfaçam esse predicado, uma não pode ser uma subparte da outra. Um predicado de evento é quantizado quando nenhuma subparte temporal desse evento pode ser descrito da mesma forma que o evento na sua globalidade.

Certas relações temáticas (incrementais) atribuídas por certos verbos criam um homomorfismo dos objectos para os eventos que preserva as estruturas reticuladas subjacentes às denotações dos objectos e dos eventos. Ou seja, há uma ligação entre um

⁵ Segundo Duarte (2003:520), este tipo de verbos "tem uma distribuição mais reduzida do que a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa", pois não admitem, por exemplo, na maior parte dos casos, a posição predicativa:

- (a) O copo está caído.
 (b) * O barco está entrado.

evento (veiculado pelo verbo) e o seu objecto, de tal forma que todas as propriedades da constituição do objecto são atribuídas também ao evento. Por outras palavras, os objectos são afectados, pedaço a pedaço, num evento, de tal forma que partes temporais do evento e partes espaciais do objecto estão ligadas umas às outras. Quando existe esta ligação, um objecto quantizado dá lugar a um evento quantizado e um objecto cumulativo dá lugar a um evento cumulativo. Note-se que, neste segundo caso, o objecto envolvido deverá ser constituído por partes relevantes.

O predicado 'cair' é, segundo Krifka (1998), um predicado de movimento. Um predicado de movimento relaciona tipicamente as partes de um percurso com as partes de um evento. Estes predicados têm, por isso, pelo menos três argumentos: um argumento objecto, um argumento percurso e um argumento evento. O argumento percurso pode ser explicitado embora, na maior parte dos casos, se mantenha implícito. O percurso corresponde ao caminho entre o cimo da pipa ou uma qualquer abertura na pipa e o chão, no caso de (8), ou entre o cimo da pipa e o chão, no caso de (9), de acordo com o nosso conhecimento do mundo e as leis da física.

Em virtude da diferente natureza dos nominais com a relação gramatical final de sujeito, a ligação que o argumento evento faz não é sempre ao mesmo argumento (objecto ou percurso). Em (8), a incrementalidade constitui-se entre partes da denotação de 'vinho' e partes do evento, portanto há uma ligação homomórfica entre a denotação do argumento objecto e a denotação do argumento evento. Já em (9), a incrementalidade estabelece-se entre partes do percurso implícito (da pipa até ao chão) e partes do evento, portanto há uma ligação homomórfica entre o argumento percurso e o argumento evento. Dado que o percurso tem um fim implícito e não há nenhum subpercurso da pipa para o chão que não o próprio percurso da pipa para o chão, o argumento percurso é quantizado e o homomorfismo faz com que também a denotação do evento seja quantizada. Daí a ocorrência com o adverbial 'em x tempo'. Por seu lado, 'vinho' é um predicado cumulativo, o que faz com que o predicado verbal seja também cumulativo em virtude da ligação homomórfica entre a denotação do objecto e a denotação do evento. Daí a compatibilidade com o adverbial 'durante x tempo'. A compatibilidade também com o adverbial 'às duas horas' é possível, como vimos, apenas porque está a marcar o início do processo.

Note-se que podemos, até um certo ponto, distinguir partes relevantes da entidade 'vinho'. Contudo, o mesmo não se passa com a entidade 'copo', na qual não podemos distinguir partes relevantes que também possam ser predicadas como 'copo'. Assim sendo, não podemos estabelecer uma correspondência entre partes relevantes de 'copo' e partes relevantes do evento 'o copo cair' da mesma forma que o fazemos entre partes relevantes de 'vinho' e partes do evento 'o vinho cair'.

Note-se que a frase (8), numa interpretação particular, pode ser gramatical com o adverbial 'em x tempo', mas, neste caso, infere-se que todo o vinho que estava na pipa caiu, ou seja, estamos a falar de uma porção delimitada de vinho, que está quantizada (por exemplo, por uma função de medição extensiva para líquidos (Krifka, 1990)). Assim, (8) tem a mesma interpretação que (9).

Verificamos, portanto, que, em (8), a ligação do argumento evento é ao argumento objecto, mas em (9) é ao argumento percurso. Esta possibilidade de diferentes ligações

do argumento evento é prevista, mas não desenvolvida, em Krifka (1998:231): "... we cannot fix the incremental argument once and for all in the lexical entry of a verb..."

Em síntese, quando o sujeito de superfície de um verbo inacusativo de movimento como 'cair' é um nome individual não contável, dado tratar-se de um predicado cumulativo, estabelece-se a um homomorfismo objecto-evento e, conseqüentemente, a uma predicação de tipo processo. Contudo, se ocorrer um nome individual contável, como se trata de um predicado quantizado, estabelece-se um homomorfismo percurso-evento e, conseqüentemente, a uma predicação de tipo processo culminado, no caso de os pontos de partida e de chegada do percurso serem únicos (cf. Engelberg, 2002: 382).

Algo de semelhante se passa com 'entrar' em (10) e (11). Temos novamente os argumentos objecto, evento e percurso, tal como em 'cair', dado que 'entrar' é também um verbo inacusativo de movimento. A diferença é que, agora, o final do percurso é explicitado por um argumento alvo, no caso, 'o porto'.

A análise de (11) é igual à de (9). A ligação homomórfica é entre o argumento evento e o argumento percurso. O argumento percurso descreve uma mudança entre não estar dentro do porto e estar dentro do porto. Esta mudança não é tida como instantânea, mas como durativa, pois requer o atravessar de uma barra com uma certa extensão. O que importa aqui é que, para um navio, não há nenhum subevento de entrar no porto que não seja igual a atravessar toda a barra: atravessar parte da barra não é entrar no porto. Desta forma, o argumento percurso é quantizado, o que faz com que também o evento seja quantizado.

A análise de (10) levanta problemas devido à compatibilidade tanto com o adverbial 'em x tempo' como com o adverbial 'durante x tempo'. A ocorrência com 'durante x tempo' pode ser explicada se considerarmos que a ligação homomórfica é entre o evento e o objecto. Dado que o objecto é, neste caso, um colectivo, podemos distinguir, na sua denotação, partes próprias, nomeadamente os barcos que constituem a frota. No sentido que Krifka dá, a denotação de 'frota', assim como a de qualquer colectivo, é cumulativa. Se juntarmos uma frota de, digamos, 50 navios a uma outra frota de 50 navios, o resultado final encontra-se ainda na denotação de 'frota', embora constituída por 100 navios. Assim, a ligação homomórfica entre o objecto cumulativo e o argumento evento dá lugar a um evento cumulativo.

Contudo, a frase (10) é também gramatical com o adverbial 'em x tempo'. Isto pode ser explicado se considerarmos que, em (10), tal como em (9), a incrementalidade é obtida pela ligação homomórfica entre o argumento evento e o argumento percurso. Assim, o argumento percurso, cujo final é marcado pelo argumento preposicionado 'no porto', é quantizado, o que faz com que também o argumento evento seja quantizado. Daí a compatibilidade com o adverbial 'em x tempo'.

Em síntese, verificámos que, quando o sujeito de superfície de um verbo inacusativo é um nome colectivo, se for analisado como tal, ou seja, como um predicado cumulativo, dá lugar a um evento de tipo processual, mas se for analisado como nome contável, ou seja, como um predicado quantizado, dá origem a um evento de tipo processo culminado.

2.2. Entradas lexicais distintas

Consideremos agora os seguintes exemplos, semelhantes aos exemplos (6) e (7) de Miguel (1999).

- (12) O exército cercou o castelo {durante várias horas/ em 2 horas}.
 (13) O fosso cercou o castelo {durante vários séculos/ * em 2 séculos}.

Em (12), o adverbial 'em x tempo' mede o período de tempo que o exército demorou a cercar (completamente) o castelo, ou seja, o processo preparatório de um processo culminado. Por seu lado, o adverbial 'durante x tempo' mede o estado consequente do evento. Em (13), só está disponível uma leitura estativa, como se comprova pela agramaticalidade do adverbial 'em x tempo'.

O adverbial 'durante x tempo' está a medir estados de tipo diferente. Em (12), como foi dito, está a medir o estado consequente associado ao evento (cf. (14)), enquanto em (13) está a medir um estado lexical (não é compatível com o progressivo (cf. (15)) e, em contexto "neutro", tem uma leitura de "presente real" e não de habitualidade, no Presente do Indicativo (cf. (16))⁶.

- (14) O castelo esteve cercado durante várias horas pelo exército.
 (15) a – * O fosso está a cercar o castelo.⁷
 b – O exército está a cercar o castelo.
 (16) a – O fosso cerca o castelo {neste momento/* habitualmente}.
 b – O exército cerca o castelo {# neste momento/ habitualmente}.

Esta oposição entre leitura de estado e leitura de evento parece ter a ver não com uma questão de traços ou de funções semânticas do sujeito, como defende Miguel (1999), mas com a existência ou não do argumento evento no predicado. De facto, em (17), verificamos que o sujeito tem o traço [- animado] e uma função semântica que não a de agente (dotado de intencionalidade); contudo, os resultados não são os esperados, pois é aceitável o adverbial 'em x tempo'.

- (17) Um exército de carvalhos cercou o castelo {durante dois séculos/ em dois séculos}.

⁶ Ver Cunha (2004).

⁷ De acordo com um avaliador, esta frase não parece agramatical. De facto, assim é. Contudo, esta discrepância na avaliação do exemplo tem subjacente o facto de haver duas leituras distintas para a construção progressiva: uma leitura estática e uma leitura dinâmica. Com efeito, se (15a) for interpretado no contexto da descrição de um quadro (retratando, por exemplo, uma paisagem medieval), é potenciada uma leitura estática e a frase é gramatical. Mas (15a) pode ser interpretado no contexto, por exemplo, de um relato de uma etapa dos "Jogos sem Fronteiras", em que uma equipa de "soldados" tem de tomar de assalto um "castelo", defendido por uma equipa adversária e rodeado por um "fosso". Este contexto potencia uma leitura dinâmica da construção progressiva (a leitura que justifica a agramaticalidade de (15a)). Podemos dizer, neste contexto, 'o exército de França está a cercar o castelo português e prevejo que isso fique concluído dentro de poucos segundos', mas não 'o fosso está a cercar o castelo português e prevejo que isso fique concluído dentro de poucos segundos'.

Note-se também que a nominalização 'cerco' é ambígua entre a leitura de evento e a leitura de estado consequente, como seria de esperar tendo em conta a sua origem eventiva (cf. Brito e Oliveira, 1997:63), tal como se verifica em (18) e (20 a,b). Contudo, se a origem for estativa, os resultados são agramaticais, tal como se verifica em (19) e (20 c).

- (18) a – O rei assistiu ao cerco do castelo pelo exército. – leitura de evento
 b – O cerco do castelo pelo exército provocou uma epidemia na guarnição. – leitura de estado resultante
- (19) a – * O rei assistiu ao cerco do castelo pelo fosso. – leitura de evento
 b – * O cerco do castelo pelo fosso provocou uma epidemia na guarnição. – leitura de estado resultante
- (20) a – O cerco do castelo (pelo exército) foi executado em 3 dias/ # durante 3 dias. – leitura de evento
 b – O cerco do castelo (pelo exército) manteve-se * em 3 dias/ durante 3 dias. – leitura de estado consequente
 c – * O cerco do castelo pelo fosso manteve-se durante 3 anos.

Devido ao facto de não haver argumento evento em (13), dado tratar-se de um estado lexical, não se coloca a questão da relação incremental: ela simplesmente não existe nestes casos. Contudo, em (12) e em (17), com o adverbial 'em x tempo', existe uma relação incremental. Estamos na presença de um evento (de tipo processo culminado). A incrementalidade estabelece-se entre o argumento evento e o objecto 'o castelo'. O que distingue este caso dos anteriores é o facto de o verbo não ser inacusativo, mas transitivo directo de movimento e o argumento que estabelece a relação homomórfica com o evento ser um argumento realizado à superfície como objecto directo.

Assim, no caso de 'cercar', temos de considerar não uma, mas duas entradas lexicais, que correspondem às leituras de estado (parafraaseável por 'estar à volta de') e de evento (parafraaseável por 'colocar-se à volta de'), que pode, nas circunstâncias certas, expressar um estado consequente. O argumento com a relação gramatical de sujeito não determina o tipo aspectual da predicação. Ao contrário, é o tipo aspectual (estado ou evento) que corresponde a cada uma das entradas lexicais de 'cercar' que determina qual a função semântica que o argumento externo recebe. Por exemplo, e seguindo Ramchand (1997), podemos definir, para 'cercar' – evento, o papel de Θ_{ext} , em que o sujeito participa em todo o percurso definido pelo predicado, enquanto para 'cercar' – estado, é definido o papel LOCATUM, que consiste na atribuição, ao sujeito, da propriedade descrita pelo predicado. Os traços semânticos inerentes dos argumentos externos deverão estar de acordo com estes papéis temáticos atribuídos. Salienta-se, desta forma, a importância da semântica lexical dos verbos na determinação da forma como a referência nominal pode afectar o estatuto final da predicação (cf. Oliveira, 1995:57).

3. Conclusão

A análise que efectuámos permitiu-nos chegar às seguintes conclusões. Em primeiro lugar, a influência do sujeito na determinação do tipo aspectual final da predicação parece estar ligada ao facto de esse sujeito ser um objecto directo profundo, estando, por isso, o fenómeno em princípio relacionado com os verbos inacusativos. Foram analisados verbos inacusativos de movimento ('cair', 'entrar'). Nestes casos, a influência do sujeito de superfície na determinação do tipo aspectual da predicação é previsível a partir da proposta de Krifka (1998) sobre relações incrementais: um sujeito de superfície que seja um predicado quantizado dá origem a um evento quantizado (um processo culminado); um sujeito de superfície que seja um predicado cumulativo dá origem a um evento cumulativo (um processo). Note-se que a ligação homomórfica é estabelecida entre o objecto e o evento ou entre o percurso e o evento.⁸

Em segundo lugar, em casos como o de 'cercar', há que ter em conta duas entradas lexicais: uma correspondente a evento, a outra a estado. Na entrada lexical de evento, o homomorfismo é entre o evento e o objecto. Os traços gramaticais dos sujeitos, em ambos os casos, devem estar de acordo com a função temática que é atribuída (que é diferente tendo em conta se a predicação é um estado ou um evento). Não é o sujeito que determina o tipo aspectual; pelo contrário, o tipo aspectual básico determina um papel aspectual para o argumento externo, papel esse que impõe certas restrições aos nominais que o podem desempenhar.

Agradecimentos

Este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POS_C-Desenvolver Competências – Medida 1.2). Agradecemos aos elementos do grupo DisSema (Fátima Oliveira, Fátima Silva, Luís Filipe Cunha, Idalina Ferreira, Purificação Silvano e Joaquim Barbosa), assim como a dois avaliadores anónimos, as observações e sugestões feitas a versões anteriores deste trabalho.

Referências

- Brito, Ana Maria & Oliveira, Fátima (1997) Nominalization, Aspect and Argument Structure. In: Gabriela Matos *et al.* (eds.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: Edições Colibri/Associação Portuguesa de Linguística, pp. 57-80.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das Predicações Estativas. Para Uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- De Miguel, Elena (1999) El Aspecto Léxico. In: Ignacio Bosque e Violeta Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, pp. 2977-3060.
- Duarte, Inês (2003) A família das construções inacusativas. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, pp. 507-548.

⁸ Veja-se, a este respeito, Zwarts (2005), que faz uma análise baseada na semântica das preposições direccionais.

- Engelberg, Stefan (2002) Intransitive Accomplishments and the Lexicon: The Role of Implicit Arguments, Definiteness, and Reflexivity in Aspectual Composition. *Journal of Semantics* 19, pp. 369-416.
- Krifka, Manfred (1990) Four thousand ships passed through the lock: object-induced measure functions on events. *Linguistics and Philosophy* 13, pp. 487-520.
- Krifka, Manfred (1998) The Origins of Telicity. In. Susan Rothstein (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 197-235.
- Moens, Marc e Steedman, Mark (1988) Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14 (2), pp. 15-28.
- Oliveira, Fátima (1995) Aspecto, Referência Nominal e Papéis Temáticos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* XII, pp. 55-73.
- Ramchand, Gillian Catriona (1997) *Aspect and Predication – The Semantics of Argument Structure*. Oxford: Clarendon Press.
- Zwarts, Joost (2005) Prepositional Aspect and the Algebra of Paths”. *Linguistics and Philosophy* 28, pp. 739-779.